

# CINE-JORNAL

ANO I — N.º 4 — 11 DE NOVEMBRO DE 1935

12/XI/1935  
DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$



MARIAN MARSH  
DA  
Columbia

NO PRÓXIMO NÚMERO: As mulheres e o Amor por FLORELLE

# Crónica da Semana

dêsse grupo de homens que durante um ano suportaram temperaturas que vão de 60 graus positivos a 40 negativos, vencendo os mil e um obstáculos do interminável trajeto, demovendo contrariedades sem conto — desde a simples ovariá num caror até as mais complicadas exigências das altitudes...

Embora o «Cruzeiro amarelo» fosse iniciativa duma organização industrial, a verdade é que o nome da Fraúça se fez assim ouvir através do continente asiático.

E não podemos dizer isto sem uma certa inveja.

Porque o feito é caracteristicamente português: gosto pela aventura, prazer de deusar, paciência na adversidade. Mas, enfim, não fomos nós que o praticámos.

Não nos aclinuamos, porém, sobejamente compensados se nos lembrarmos que, ainda não há muito, levantámos o símbolo da nossa civilização mais alto que o Pamir e o Himalaia, sob o mesmo sol da Ásia, nas asas frágeis de aparelhos de série!...

ANTÓNIO DE C. NUNES

O «senhor difícil» é o inimigo n.º 1 da sociedade... cinematográfica.

«Cinco dias no planeta Marte. Que lhes parece? Um documentário super-sensacional, não é verdade? Pois bem. Procurem o «senhor difícil», o que de certo não dará muito trabalho. E logo ele comentará — esperava melhor, esperava melhor; muito monótono, sem grandes contrastes...»

Imaginem agora que, graças a um microfone indiscreto, se conseguiu fazer um relato ao público, do último conselho de ministros da Inglaterra. Devia ser curioso. Pois o «senhor difícil» diria conviêto, bem informado: — «tal e qual o que eu supunha».

Bem visto o caso, o nosso homem não é mais que o filho legítimo desta época de paroxismos, de «records» todos os dias ultrapassados, do mais-além sófrego e inquieto. Simplesmente, é pena que não abandonc, ao menos uma vez, a sua posição cómoda de hiper-crítico e não se pouha a realizar qualquer coisa que constitua depois a sua própria admiração.

\* \* \*

Sejamos mais razoáveis que o «senhor difícil». Antegozemos nós, simples mortais que nunca passámos de Sevilha ou Budajoz, o que será essa extraordinária viagem de 30.000 quilómetros através da Ásia, que o «Cruzeiro amarelo» nos proporcionou.

Regaladamente sentados, defendidos do horror da sede por um bufê amável e ao abrigo dos desníveis de temperatura, é contudo possível que o realismo do documentário nos sugestione de tal forma que a ilusão nos ganhe e sintamos sob os nossos pés o tapete mágico dos contos de criança.

Pois não será um sonho essa maravilhosa travessia de Beyrouth à Pequim?

Saiamos, desta vez, dos barracões dos estúdios e dêmos aos nossos olhos o regalo de os fixar nas paisagens, nos usos e costumes da Indo-China, no Sião, da Índia...

A dois passos do Chiato, subiremos até ao Pamir, alcançaremos — sem grande esforço... — os picos mais altos do Himalaia. Transformulos em alrevidos escaldadores de montanhas, como nos hão-de parecer mesquinhas as façanhas de Tartarin nos Alpes!

E se há justiça na terra, terá cada um de bem-dizer o cinema quando, ao regressar a casa, eslender em cama fôja o seu corpo folgado, capaz de no dia seguinte fazer nova eminhada de seis mil léguas.

Não é menos curiosa a parte do documentário em que, acidentalmente, são apresentados alguns aspectos do conflito sino-japonês: um quadro mais duma longa tragédia, cujos autores é de recear que venham procurar na Europa o apeteçido cenário para a opoteose final...

\* \* \*

Meis não é só ao cinema, e às suas extraordinárias possibilidades, que deve ser dirigido o nosso reconhecimento. Há também que admirar a tenacidade

## Como se toma um banho de sol

por Rochelle Hudson

TUDO na vida tem sua ciência. E quando não quisermos baptisar com êste palavirão, que cheira a bafiento acadêmico, o simples *savoir-faire*, digamos antes, como diz o povo, que tudo na vida tem o seu preçito.

Ora para dissertar sobre o tema «como se toma um banho de sol», tenho, antes de mais nada, que lavar o meu mais veemente protesto contra a forma atribuífaria como se usa e abusa dêsse tônico admirável, que a Natureza pôs ao alcance daqueles, que não têm poseres para se instalar nas clínicas e colher os benefícios incalculáveis da diatermia e seus derivados.

O mal é o mesmo em todos os países. Mal o tempo começa a aquecer, a mocidade dispõe-se a «côrrar» ao sol, como pegas de roupa nas margens dos rios... Viram-se de barriga para o ar e tratam

de passar o santo dia a «cozer», como se fôssam ovos de avesiruz espetados na areia.

À tardinha, encarnigados, apopléticos, com a pele a arder, e uma sensação de mal-estar indefinível recolhem a casa convencidos de que armazenaram saúde para o resto da semana.

Não sou médica, nem quero dar a estes bonos conselhos, ditados pela experiência, tais foros... No entanto, sempre lhes direi que os que procedem assim caminham para a morte, a passos agigantados. O sol queima, na verdade! acepção da palavra, os tecidos subcutâneos. A pele deixa de respirar. Daí, a uma intoxicação geral, — é um passo.

Como se toma um banho de sol? Muito simplesmente: expondo-nos aos raios do sol. Mas expondo-nos, com emtela, com cuidado, *progressivamente*.

Muitas das raparigas, que trabalham nos estúdios e que querem «bronzear-se» de um dia para o outro, envolvem-se nuns grandes «envolopes» de acetophanca, substância essa que reduz o poder calcinante dos raios solares. Essas, assim protegidas, mal o sol começa a aquecer, sujeitam, um dia inteiro, brancas de jaspe, as suas carnes. Em poucas horas, durante três ou quatro dias, ficam «tositadas»...

Quanto a mim, adoradora do mar, procedo assim. Debaixo dum tóldo, e sob o enorme chapéu estou um, dois ou três dias. O ar do mar, só por si, começa a torrar-nos a pele. Depois, pouco a pouco, vou-me sujeitando, directamente, ao efeito dos raios solares.

Primeiro, dez minutos, depois um quarto de hora, sempre intervalado com outro tanto tempo à vontade.

Rio-me e lamento-os quando vejo êsses pobres camarões cozidos, que abundam nas praias e que supõem que a terapêutica do sol se resume em apanhá-los no máximo da força, e deixá-los torrar até nos ossos.

Se assim fôsse, o banho do sol, que é um dos prazeres do verão mais agradáveis, seria um suplécio — digno da Inquisição...

Hollywood, Outubro de 1935.

ROCHELLE HUDSON

## O festival internacional de cinema na Exposição de Bruxelas

Depois do grande êxito alcançado na Exposição Bional de Veneza, decorreu com interesse e brilhantismo o novo certame de cinema Internacional na Exposição de Bruxelas.

O cinema francês foi representado por *Les yeux noirs*, *L'Equipage*, *Justin de Marseille* e *Dora Nelson*.

Os belgas apresentaram: *Terres Brûlées*, *Cap au Sud* e *Les trois Mals Mercator*.

Inglaterra exhibiu: *Escape me Never*, *Hozambo* e *Doss House*.

Os americanos fizeram-se representar por uma dezena de bons filmes, entre os quais se destacam: *Becky Sharp*, *O inferno de Dante* e *O Demnuciante*.

Estiveram também presentes os produtores holandeses, alemães, suíços, japoneses e russos, que apresentaram em Bruxelas as suas mais recentes películas.

O filme *O Demnuciante*, da R. K. O., com Victor Mac Laglen e Margot Graham, obteve o prêmio do Rei, ou seja a mais alta recompensa dêste certame.

## O crime e o castigo

Joseph von Sternberg, longe de Marlene, está realizando, para a Columbia, *O Crime* e *O Castigo*, segundo a obra famosa de Dostoiévsky.

O castigo...



Frances Drake, com êste traje de mexicana, personifica bem o sol ardente da pátria de Viva Villa!

## São otimistas, ss americanos!

Na América, começou a realizar-se um filme que se intitula *Life begins forty* (A vida começa aos quarenta anos).

Esperamos que algumas vedetas de-modées, ingénuas quarentonas e galãs embranquecidas, alcancem um êxito louco neste filme.

## Elisabeth Bergner vai produzir

Depois de exilada do seu país, por motivos políticos, a famosa estrela alemã, Elisabeth Bergner, vai fundar uma casa produtora em Londres, sob a denominação de Interallied Film Producers Ltd., devendo os seus filmes ser distribuídos, em todo o mundo, pela United Artists.

Nesse sentido, a ilustre artista acaba de conferenciar e firmar acôrdo com Joseph Schenck e Paul Cziner, para, num curto lapso de tempo, iniciar as filmagens da sua primeira grande produção.



As «girls» tomam às vezes estranhas atitudes para descansar... Ei-las, num intervalo de filmagem, nos estúdios da «Fox»...

## A ex-mulher de Charlot, no cinema

Mildred Harris Chaplin, depois de uma ausência, de quatro anos, de Hollywood, vai regressar à tela, e aparecerá — ela que já foi estrela de primeira grandeza — numa comédia, em duas partes, da Columbia, que se intitula *Star Gazing*. A ex-mulher de Chaplin abandonou a sua carreira cinematográfica em 1931 e dedicava-se agora ao teatro ligeiro.

## Shirley partiu um dente

Shirley partiu um dente. Ia a sair a porta de sua casa, caiu, e, com tão pouca sorte, que, batendo com a boca numa travessa de madeira, partiu um dente.

A nova foi dada em «Últimas notícias», nas edições da tarde de todos os jornais americanos.

Conseqüências: Shirley recebeu 5.720 cartas a inquirir da sua saúde, e 1.004 propostas de dentistas americanos, para reparar, graciosamente, a avaria na sua boca.

Shirley preferiu aguardar que o dente lhe caia e que nasça o outro, e, para efeitos do cinema, o caracterizador encarregar-se-á de lhe relocar o estrago proveniente da queda.

## Um filme soviético em côres

O célebre realizador russo Nicolas Ekk, que produziu esse admirável filme *Canto da Vida*, que Portugal não viu, acaba de realizar em Moscovo, um grande filme, de côres naturais, intitulado *O Carnaval das Côres*, e onde se vêem primeiro vistas inóveis: reproduções de quadros de obras de arte, e depois paisagens, que celebrarão «a cor em movimento», na região do Cáucaso.

Nicolas Ekk, tenciona realizar, dentro em breve, o seu segundo filme colorido, que se chamará *Rouxinol*, pequeno *Rouxinol*.

## Jannings foi corrido da Alemanha

Hitler acaba de proibir o grande artista Emil Jannings de aparecer sobre os palcos da Alemanha e de interpretar produções cinematográficas.

O pretexto apresentado é o de Jannings não ser dotado de puro sangue ariano.

Segundo consta, as autoridades nazis impedirão também que todos os artistas franceses judeus interpretem versões francesas, nos estúdios de Berlim.

## «As Bodas de Figo»

A Ufa vai filmar a sua primeira ópera: *As Bodas de Figo*, de Mozart.

## Emagrecer e engordar

A Natureza, às vezes, gosta de se vangloriar...

A vedeta americana Esther Kiss, para manter a linha, precisou de emagrecer. E desatou a fazer desporto e a jejuar em excesso.

Acabou, como é natural, não só por emagrecer como por se tubercular.

Resultado: foi para um sanatório, com regime de super-alimentação, etc.

Depois de se restabelecer, pesou-se. E constatou, alônia, que a balança acusava mais dez quilos do que no dia em que iniciou o seu regime pré-emagrecimento.

A pobre Esther Kiss chora a sua sorte! É duro salvar-se da morte, para ficar com uma gordura que excede a ad própria Mãe West...

## Abaixo o amor!

### Abaixo o sex-appeal!

Pregunto muita vez a mim mesma, porque é que toda a gente me considera como o prototipo do «sex-appeal». Gostaria que me dissessem, onde é que vêm em mim tais características.

Antes de mais nada quero dizer que não sou nada como julgam. Gostaria, por isso, que o público mudasse de opinião.

As minhas ideias e os meus sentimentos íntimos nada têm que ver com umas e com outros que tenho que exteriorizar na tela.

Têm-me, muitas vezes, confiado papéis que não interpreto com prazer. E, em muitos casos, preferia abster-me deles.

Que fazer, porém? O meu contrato nunca me deu direito de escolher os argumentos...

Por outro lado, nunca deixei de pensar que os realizadores devem saber melhor o que convém, ou não, às artistas.

Se tivesse o direito de escolher, preferiria, sem dúvida, os papéis em comédias no género de *Uma boca para beijar*, do que os outros que me forçam a viver em filmes como *A mulher dos cabelos vermelhos*.

Gostaria que os produtores me fizessem interpretar papéis de mulheres, que não fossem nem inocentes, nem tão pouco profissionais do amor — mas sim

seres reais, com os seus impulsos e os seus caprichos.

Suponho que o público apreciaria, como eu, esta mudança.

\*\*\*

As minhas características físicas, o meu cabelo, a minha mocidade, deslizarão-me a criar na tela, um tipo, com características próprias.

Mas convêmam-se disto: sou uma actriz e as mulheres que tenho encarnado na tela são feitas à imagem e semelhança das idealizadas pelos autores, pelos argumentistas, e pelos realizadores.

Nenhuma delas reflecte o espirito da própria Jean Harlow.

Queria, a todo o preço, convencer o público desta verdade.

Mas, infelizmente, é não vê em mim outra coisa, além daquilo que sou na tela — a loira platinada, que vive apenas para os homens e para o amor.

E, no entanto, o amor — afigura-se-me a coisa menos interessante desta vida. Ou por outra: é uma função normal — como comer, beber e dormir. E nunca fui capaz de compreender a importância exagerada que muitos lhe dão.

Acabo de escrever um livro. Verão que, nessas páginas, o amor se limita às relações normais entre marido e mulher — que vivem, juntos, as alegrias e prazeres, inerentes a todos os lares. Só estes são seres normais — imagem dos que encontro, na maioria dos casos, a meu lado.

A mulher do meu livro — ou uma mulher assim — eis o que eu gostaria de ser na tela.

JEAN HARLOW



Carol Ana, a filha adoptiva de Wallace Beery, está fazendo um «sweaters» de malha. Wally ajuda-u. na medida do possível...

NOTÍCIAS DE  
TODA A PARTE...

# Como vejo o Estúdio do LUMILAR

UM dos grandes males do cinema português reside na ausência quasi completa de vedetas cinematográficas.

Porque, se repararem bem, quasi todos os que têm provado bem nos filmes já realizados são nomes conhecidos dos nossos palcos, já feitos no teatro de declamação ou de revista.

O cinema português ainda não criou um artista que possa ombrear com aqueles, em popularidade e valor próprio—isto talvez porque há pouco começou e por que as vedetas «fazem-se» e, entre nós, há pouco quem as saiba fazer. Mesmo aquelas que têm um talento comprovado fallham ou triunfam num filme—consoante o prestigio, o mérito, e a experiência do realizador.

Maria Castelar tentou os seus primeiros passos nas «Pupilhas». Leitão de Barros, deu-lhe uma pequena tábua, graciosa, gentil, e Maria Castelar, escudada pela sua experiência de animador e de artista, triunfou em toda a linha, com a sua mocidade sábia, com o seu sorriso feito de simplicidade e de doçura.

Pode dizer-se sem sombra de exagéro, que Maria Castelar, fora dos profissionais que têm abordado o cinema, foi uma das mais completas, revelações, muito embora o seu talento só se possa ajuizar num trabalho de maior fôlego.

Logo que se pensou em realizar um novo filme, o nome de Maria Castelar foi lembrada para um papel de relêvo. É o que tem no Trevo de Quatro Fôlhas, e estamos certos de que a linda artista, sabrá mostrar-se à altura da confiança que levou os produtores a encarregá-la do desempenho duma das figuras primaciaes da história.

Maria Castelar, desta feita, foi assim promovida a vedeta. O seu nome, figura nos cartazes, ao lado dos de Procópio, Nascimento e Beatriz. E ficamos ansiosos, agora, por ajuizar, duma forma precisa, o seu talento de artista.

\* \* \*

A história de Maria Castelar é simples, tão simples como ela própria. Rapariga do nosso século, pertencendo a uma das melhores famílias de Lisboa, sabe vencer os preconceitos que ainda hoje separam os sonhos de muitas das realidades dos estúdios—e tentar à sorte no cinema.

Em boa hora o fez.

O cinema não alterou a sua maneira de ser. Continuou a mostrar-se como a mesma rapariga simples e despretenciosa de sempre.

As luzes do estúdio deslumbraram-na. A carreira encantou-a. O seu exemplo era pre-



por Maria Castelar

ciso—para que outras raparigas possam seguir os seus passos, sem recar convenções sociais que cheiram a bafo, sem tener preconceitos que já não são do nosso tempo.

O estúdio não é nefasto para uma rapariga. O cinema não pode prejudicar a sua vida social. E a confirmar o que dizemos—o exemplo de Maria Castelar, a linda rapariga portuguesa que foi das primeiras a viver, na realidade, os sonhos que têm embalado muitas outras.

\* \* \*

Pedimos a Maria Castelar que nos comunicasse as suas impressões sobre o seu trabalho no estúdio. Mandou-nos as notas curio.ssimas, que publicamos, a seguir, e que preferimos não alterar, para não tirar à sua prosa, o sabor ingénio e inexperiente, próprio duma rapariga que não está habituada a escrever para os jornais—a mentir a si própria para convencer e de.iumbrar os outros!

\* \* \*

COMO pessoa pouco experiente nestas coisas, quando me vem pedir para escrever um artigo, fico aflita, a pensar na maneira de distrair o espirito dos leitores amigos.

Cinefilos, que desejam filmar! Quando tiverem a ventura de entrar num filme, não se esqueçam do que lhes digo.

Filmar é fácil, quando se tem um grande realizador, como aqueles para quem tenho trabalhado, mas, escrever artigos, é a maior tragédia que há.

Meia dúzia de linhas que nos faz estalar os miolos e levaram duas horas a escrever, serão lidas por milhares de pessoas de todas as categorias, em... minutos.

Na minha curta carreira artistica, têm-me pedido artigos sobre a minha vida, episódios da minha infância e entrevistas.

Hoje, o assunto é diferente.

Como vejo o estúdio...

O estúdio é, acima de tudo, trabalho e camaradagem.

Quando se entra, pela primeira vez, num estúdio, ficamos impressionados com tanta luz, mas, segundos depois, sentimos o desejo de viver dentro daquela casa gigante, cheia de reflectores, micros, máquinas—toda a série de aparelhos necessários para fazer um filme, e que constitue um mundo bem diferente daquele em que vivemos.

Tudo aquilo nos faz esquecer os dramas e comédias da vida.

A meu lado, no estúdio, privo com os grandes artistas do Teatro português e brasileiro: Procópio, Beatriz, Nascimento...

Como vêm, estou rodeada de tão grandes e ilustres artistas que, simples principiante que sou, tenho medo de escangalhar o conjunto.

Entre tantos e tão bons artistas, como me sairei eu?

O estúdio é... trabalho, luz e camaradagem.

# Jean Murat



—...Vá ao «sud-express», é o que tem a fazer.

## O navio fantasma...

Sabíamos já que o veleiro francês tinha arribado de manhã. «Cine-Jornal» não gosta de deixar os seus créditos por mãos alheias. Um dos nossos redactores tinha falado com Pierre Chenal e desvendara o mistério do «barco-fantasma», no Tejo...

Vale a pena seguir as circunstâncias que levaram o nosso «repórter» a descobrir o caso.

De manhã, com efeito, quando fazia a travessia do Tejo, da outra banda para cá, um dos nossos redactores, notou, com espanto, naquele estranho veleiro, dois homens de dorso nu, a esgrimir com sabres de corsoário. A vozaria era enorme, em seu redor. Mas não se aterrorizou, porque lhe pareceu ver, nas enxárcias, um fotógrafo e num plano superior do convés, uma câmara cinematográfica assendada, que seguia o perigoso duelo.

Estranhou, claro está. Custava-lhe a admitir a presença daquele veleiro «demodé», nas nossas águas, com tipos a baterem-se a sabre, ante as vistas complacentes da câmara cinematográfica.

E quando chegou à redacção contou-nos a história do «Navio-fantasma», lugre de «piratas» amadores... e cinéfilos, ao que parecia.

Acicatado pela curiosidade intensa de jornalista e para responder aos remques dos companheiros, decidiu-se a aclarar o mistério.

## Aclara-se o mistério

De tarde, encetou as diligências precisas. Conseguiu chegar à fala de Pierre Chenal, o grande realizador francês, que dirigiu *O Crime* e *O Castigo* de Dostoiewsky.

E tudo se aclarou.

O veleiro em questão era o venerável «Pádua», que envelhecera a fazer carreiras entre a Itália e a Austrália e que agora, havia sido arrancado à sua pacífica missão de viveiro de ostras, num pérfido alemão, onde apreciava os bocados.

Fôra rebaptizado, desta vez, com o nome de «Elseneur», para nele se filmar a célebre novela de Jack London, *Les Mutins de l'Elseneur*, (Os amotinados do «Elseneur») e estava agora servindo de estúdio ambulante à «troupe» de cineastas e artistas franceses, que se encontravam a bordo.

O «Elseneur-Pádua» saiu de Brest em Outubro. Fez-se ao mar, e ao longo das costas francesas, portuguesa e espanhola filmaram-se várias cenas. O mar, porém, foi-se cavando cada vez mais. O vento soprou com fúria. Os elementos amotinaram-se contra o veleiro, cujo cavername rangia, assustadoramente. E não houve mais remédio senão demandar a barra.

Quando o nosso redactor inquiriu de Pierre Chenal, se Jean Murat, a vedeta, se encontrava a bordo, aquele sorriu e limitou-se a dizer: — Antes de partirmos com rumo à Madeira, Canárias e Casablanca, é natural que Murat se junte à caravana...

Naquela altura, o nosso redactor não ligou importância à frase.

Só depois da comunicação recebida, compreendemos o seu alcance.

A menos que Murat apanhasse o barco a nado, teria que embarcar em Lisboa, ter de vir a Portugal.

## De prevenção rigorosa...

No dia seguinte, os jornais permaneciam mudos e quedos, sobre a vinda de Jean Murat. Pierre Chenal fôra gentilíssimo. Apreçara os motivos da sua vinda a Lisboa, falara da nossa paisagem, e da ternura dos portugueses pelas coisas da França.

E dispusemo-nos então a receber o artista com todas as honras. Redactores mobilizados. Seródio, com a máquina engatilhada, à primeira voz. Uma fotografia do artista, no bôlso, para o que desse e viesse, e um ramo de rosas, de prevenção rigorosa, não fosse Annabella aparecer com êle e nos encontrasse desprevenidos...

Como vêm, todas as providências foram tomadas. Restava-nos apenas a hipótese de Murat não vir! Mas isso ver-se-ia na devida altura...

## Espectativa frustrada

O «sud» chegou à tabela. Mas Jean Murat faltou em cheio. A nosso lado, uns senhores

franceses aguardavam também o artista. Ficaram com a mesma cara do que nós, quando o empregado superior do combóio nos declarou terminantemente, em tom que não admitia réplicas: «que conhecia muito bem o sr. Jean Murat, e que o «sud» trouxera, apenas, três passageiros de Paris, um diplomata holandês e dois portugueses»...

Quando aventámos a hipótese de Murat ter seguido para o Estoril o nosso homenzinho irritou-se:

— Não, não! O sr. Murat não viera — podíamos estar certos.

Tão insistente e categórica negativa fez-nos nascer a suspeita de que êle sabia alguma coisa, e que se mantinha na opposição, talvez por amor de alguma nota de 20 francos bem ganha!

Seja como for! Falhámos esta reportagem! Não pôde ser a nossa! Tivemos tudo, menos Jean Murat...

Ah, rapazes, que grande «tiro» tínhamos dado, se êle não faltasse em cheio!...

FERNANDO FRAGOSO

# em Lisboa

O que vai ler-se é a história duma reportagem «ratée». Falhou! Paciência! Não deixámos, por isso, de viver todas as emoções inerentes, e as peripécias que rodaram a mesma merecem a pena contarem-se.

Jean Murat esteve ou está em Lisboa? A hora a que escrevemos, a incógnita está ainda por resolver. Pode ser que, quando «Cine-Jornal» vier a lume, tudo esteja já esclarecido. O facto, porém, não invalidará o relato desta reportagem falhada, e o leitor seguirá, por certo, com o mesmo interesse, os passos do jornalista para lhe dar uma notícia à «sensations»...

Na quinta-feira, à noite, o telefone retiniu. — Alô!

Uma voz feminina, do outro lado do fio, informou:

— Faz favor de dar atenção ao sr. dr. António de Menezes.

— Sabe alguma coisa acerca do Murat? — inquiriu misteriosamente, o nosso prezado interlocutor.

— Não, volvi. — E, parodiando o Berley, na «Viúva Alegre», rematei: — Não admira... sou director duma revista de cinema...

— Então vá lá uma «caixa», anunciou o sr. dr. António de Menezes: — O Jean Murat chega amanhã no «Sud-Express».

— Como soube? — inquirimos curiosos e estupefactos, ante a realidade dum facto que tão raras vezes se verifica: — a vinda a Portugal das grandes vedetas cinematográficas.

O sr. dr. António de Menezes, precisou nestes termos:

— Acaba de entrar aqui no hospital, onde estou de serviço, o capitão do veleiro que arribou, esta manhã, ao nosso porto. Trata-se dum «quatro mastros», onde Pierre Chenal filma *Les Mutins de l'Elseneur*.

«Ora o capitão do barco, como todo os bons marinheiros, sofre da apendicite. Veio aqui ao hospital tratar-se. Palavra, puxa palavra e eis o facto — Murat chega amanhã a Lisboa!

— Mas...



De velas enfunadas, o «Pádua» demanda a barra do Tejo, trazendo a bordo a caravana que filma «Les Mutins de l'Elseneur»

ou a história duma entrevista, que falhou

# Estrelas cadentes...

Nós próprios, que recordamos ainda aqueles infundáveis romances de episódios vistos no Condé e no Olympia e que no dia seguinte se liam no folhetim do jornal, nós próprios, já não nos lembramos dos nomes que outrora decorámos.

Os ídolos do cinema são um paradoxo. Não por serem ídolos, porque lódas as artes têm artistas que aviltam. A diferença, porém, reside neste facto: enquanto na literatura, na música, nas belas-artistas, ficam nomes — no cinema esquecem.

No teatro e nas outras artes, os artistas trabalham, alguns desde crianças até à velhice, ficam a vida inteira dentro da profissão. E no cinema? Aparece hoje uma mulher que ilumina a tela com o seu talento, com a sua juventude. Faz furor. Gilam-na. Ganha celebridade. Num dado momento, em plena glória, desaparece, nunca mais se sabe qual o seu destino. Porque envelheceu? Não! Há estrelas que desaparecem, em plena primavera, rodeadas de fama...

TEM havido sempre, desde o advento do cinema, uma consolação, mais ou menos brilhante de «estrelas», e de artistas favoritos. Tódas as épocas de cinema tiveram os seus grandes expoentes na realização e na interpretação tiveram, diga-se já — os seus ídolos. Nossos pais, que se comoviam, até às lágrimas, com aqueles dramas italianos em duas partes, decoraram nomes, admiraram artistas de quem nunca mais ouvimos fa-



Que será feito d'ele? Porque deixou ela de filmar?

Quasi sempre as respostas são indecisas, mostrando, atrás de tódas as explicações, os segredos da existência que eles têm, como todos os mortais. De longe em longe, uma notícia sóta, deixamos antever um pouco da realidade e, onde nós teimamos em encontrar só sonho e vida alegre, aparece-nos hoje, o suicídio de Karl Dane por não ter trabalho; amanhã, o divórcio de Gilherl; depois, um processo escandaloso que nem sempre é produto da publicidade fantasista... E, depois, sempre, o artista que desaparece leva consigo uma incógnita à espera de solução, até o público esquecer...

Lembra-se o leitor de Lillian Gish? Apareceu nos teatros de Broadway, onde era considerada uma das grandes trágicas. Veio para o cinema, produziu e entre essas produções tem *O Vento*, que dispensa todos os elogios. E depois? Depois, nunca mais se viu na tela mas sabe-se que continua no teatro e faz, com frequência, visitas à Europa.

E de Olga Tchechova, a grande actriz russa que vimos em *Manobras de Amor*, *Troika* e outros filmes magní-

em numerosas comédias, de Reginald Deuný, que casou com o encenador William Seiler e se dedicou ao teatro; *May Mac Avoy*, a heroína de *Desafiar*, que interpretou o primeiro filme sonoro americano, *Terror*, casou com Cleary financeiro e director de filmes; *Colleen Moore* — uma das que lançou a moda da «franguinha» — e que, para casar com Alfred Scott, se divorciou de Mac Cormack... e do cinema.

Mas não só as filhas de Eva. Muitos dos seus companheiros não foram mais felizes.

*Gaston Glass*, num bom galã de Hollywood, que vimos em *Pista dos Gigantes* não fez mais nada de notável; *Lars Hanson*, o antigo parceiro de Greta Garbo que trabalhou ao lado de Gish em *O Vento*, voltou para a Suécia e depois de *O Canto do Prisioneiro* com Frelch e Dila Parlo, nunca mais deu sinal de si; *Raymond Hatton* que trabalhou com Wallace Beery em filmes cómicos, eclipsou-se e só dá um ar da sua graça em pequenos papeis; *Harry Langdon*, actor de reais méritos que vimos em, por exemplo, *Sua Excelên-*



lar. Viam-nos mover, num ritmo «cádec», porque o cinema estava na infância; viam-nos chorar, e contemplavam, nas «estrelas», as tranças que chegavam aos pés, a elegância do vestido que limpava os lapetes, a graça do chapéu que parecia um arranha-céus com plumas; admiravam no galã, as guias do bigode, copiavam-lhe o modélo do casaco abotoado até ao pescoço. Nossos pais, tinham também as suas Gretas Garbos, os Charles Boyers. Depois, nossos irmãos mais velhos destruíram os ídolos antigos, criaram outros novos e, em vez dos dramalhões, dos galãs de joelhos, com mãos no peito e cotovelos no ar, arranjaram as «girls» do Mack Sennett, cobriram os astros de cêco, puseram-lhe uma rosa ao peito e um charuto na boca. Essas personagens, que fizeram furor, e que não tivemos a honra de conhecer senão de tradição, foram então, o que são para nós, hoje, as «girls» do Edie Cantor o que é, para a nossa vizinha da plateia, o Clark Gable ou o Maurice Chevalier — foram ídolos... e esqueceram-se...

# Estrelas que desaparecem

E é êste, precisamente, que está o paradoso do cinema.

Porque fogem e para onde fogem as «estrelas»?

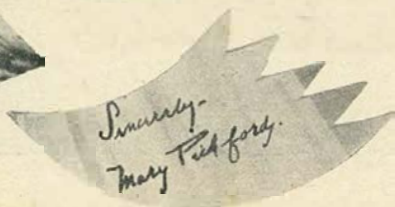
Eis a pergunta que tem ficado sem uma resposta cabal, que encerra mil dificuldades, que contém, tanta vez, mil segredos, os segredos dos ídolos cinematográficos.

ficos? Nada mais se sabe senão que vive afastada e que se dedica à escultura.

E d'êste modo muitas outras: *Lillian Roth*, a intérprete do *Rei Vagabundo*, que lambem voltou para o teatro; *Jetta Goudal*, que vimos no *Espectro Verde* e que se dedicou com seu marido a fazer decorações para filmagens; *Phyllis Haver*, que trabalhou ao lado de Emil Jannings e de John Barrymore e que com o casamento abandonou definitivamente o cinema; *Camilla Horn*, a graciosa alemã que depois da produção de *Fausto*, com Jannings, foi para a América, donde voltou com a saúde arruinada, pelo horário de trabalho a que foi submetida; *Barbara La Marr*, que faleceu em 1926, vítima de um regime alimentar severíssimo; *Laura La Plante*, companheira,

ciu o *Chefe da Gare*, trabalhou depois com Al Jolson e... nunca mais se viu; *Douglas Mac Lean*, que foi um dos que a sonoro matou e acaba de assinar, com a R. K. O. um contrato para supervisor; *Rod La Roque*, que teve grande aura, dedicou-se ao teatro com sua mulher *Wilma Banky*, e hoje dedica-se a pequenas invenções.

E mais, muitos mais, que fugiram, que esqueceram, deixando pelas telas do mundo, pedaços da sua alma de artistas. Porquê? Não sei, ninguém sabe. Talvez porque o cinema, a mais moderna das artes, tem um ritmo célere, tem exigências de volúvel, tem afinal, uma vida mais intensa que mais rapidamente queima os cérebros e as vidas que por êle passam.



FERNANDO GARCIA

# AMARANTE

que será o protagonista de

# Bocage

«Bocage», o próximo filme desse denodado batalhador que é Leitão de Barros já não é só um título, já não é só uma esperança — entra afoitamente nos domínios da realidade.

«Bocage», cuja realização vai ser iniciada dentro de pouco tempo, será, por certo, mais um título de glória para o seu animador, será mais um passo dado pelo cinema nacional, que tão desamparado tem sido a despeito da sua simpática, patriótica e utilíssima finalidade.

## A escolha do protagonista

A escolha do protagonista deste filme tomou foros de enigma indecifrável. Trabalho de grande responsabilidade para quem o interpreta e para quem o dirige, não podia ser entregue sem uma confiança cega nos méritos de quem tomasse sobre os seus ombros a pesada tarefa.

Vieram nomes à baila, nomes sem conta, anónimos e conhecidos, nomes que apareciam e automaticamente se sumiam até que, ultimamente, um nome lamborilou mais insistentemente aos ouvidos da opinião pública. Um nome sonoro, um nome conhecido, um nome de cartaz — Estêvão Amarante.

Quisemos ouvir da boca do popular e querido artista algo sobre o seu futuro trabalho, sobre o seu grande trabalho do futuro. E o distinto artista, pronta e gentilmente, deu-nos, em primeira mão, as suas impressões, notas enrosnadas, em que o artista se abre em interessantíssimas e sensatas confidências.

## Amarante será o «Bocage»

— Está assente V. fazer o protagonista do filme «Bocage»?

— Em absoluto. Há mais de um ano que Leitão de Barros me falou nesse trabalho e, confesso, desde logo me interessou extraordinariamente. Ultimamente trocamos várias impressões, até que ficou, definitivamente, resolvido que eu fôsse o protagonista do seu novo filme.

— Como julga interpretar a psicologia desse tipo tão curioso e popular?

— Não estou ainda, absolutamente, ao corrente da maneira como Leitão deseja tratá-lo. Não li, por enquanto, o «cenário», o que espero fazer logo que chegue a Lisboa; creio, no entanto, que várias facetas do heterogéneo temperamento dessa estranha personagem, boémio, sentimental e talentoso poeta, serão tratadas no filme.

— Quando serão principiaes os trabalhos de filmagem?

— Segundo as mais recentes informações que tenho, julgo que começaremos a trabalhar na primeira quinzena de Dezembro próximo.

Devo confessar que, apesar de conhecer a grande responsabilidade da minha missão, estou com um grande interesse em a iniciar, sobretudo porque creio que este filme terá um novo sentido artístico.

## A's voltas com os clássicos

No olhar vivo, penetrante, agudo, de Amarante perpassa um brilho de entusiasmo, filho do interesse com que, devotadamente, costuma estudar as suas criações artísticas que, hoje, formam uma honrosa galeria, no nosso Teatro.

— De maneira que, o meu amigo, sente-se já meto Bocage...

— Um pouco mais. Sinto-me Bocage até à medula. Tenho procurado colher elementos, em grande número, de escritores, para me identificar, tanto quanto possível, com todos os sentimentos animicos da personagem que vou reviver. Tenho lido todos os clássicos e, presentemente, anda às voltas com o dr. Teófilo Braga.

— É louvável a sua orientação!

— Tem-me sido, pelo menos, útil e proveitosa. Há uma edição curiosíssima das «Poesias eróticas», de Bocage, feita na Bélgica, que está esgotada. Demonstrei a algumas pessoas interesse em ler esta obra. Dificilmente a adquiriria por 500\$00. Mas, um amigo, de passagem por Amarante, deambulando distraidamente pela feira, comprou-me este volume, num feirante afrabista, pela modicíssima quantia de 10 escudos!...

## Amarante já abateu 3 quilos

A honestidade de processos e o meticuloso cuidado que o nosso entrevistado põe no estudo da personagem que vai animar, cheio de fé e entusiasmo, é um exemplo digno de aprego e de ser seguido, pela probidade artistica que revela.

— Habitado, como está, ao pulso, não lhe causa confusão o trabalho no estúdio?

— Absolutamente nenhuma. Habituei-me, facilmente à luz dos projectores potentes e à elevada temperatura sob a qual se tem de trabalhar. Sei que terei de estar no estúdio de manhã muito cedo e que a filmagem se pode prolongar, intensivamente, até altas horas da noite. O baptismo que recebi em França, pôs-me à prova de fogo.

— Já conhece bem as exigências da arte...

— Mais. Durante a viagem que fiz a África, engordei um pouco. Para não prejudicar ou dificultar a minha actuação no filme, intensifiquei as minhas sessões de gymnastica. Necessitamos duma apreciável «souplesse» e constato que não têm sido baldados a minha persistência e o meu esforço. Já abati três quilos e conto que, até ao início dos trabalhos da filmagem, ainda abatarei outros três.

— Preparado e pronto para o «combate», aguardamos com ansiedade o seu trabalho e, de certo, como nós, todo o público.

— Tudo farei para não desmerecer da confiança que em mim depositam. De resto, Leitão de Barros sabe o que quer, e como quer e estou confiante que, da sincera colaboração de todos, algo se fará de novo para o cinema português.

Estêvão Amarante oferece-nos a fotografia que publicamos com a gentil dedicatória que é, nitidamente, o reflexo do seu espirito «charmeur».

Do seu vulgar temperamento de artista e da sua requintada sensibilidade, deduzirá o leitor, pelas notas que aí ficam, qual a predisposição de espirito dum dos maiores actores portugueses que vai interpretar o protagonista do filme «Bocage», com alma e nervos, com a mesma sincera probidade artistica com que há mos vem brilhando no nosso teatro, como astro de primeira e inconfundível grandeza.



confia a «Cine jornal» as suas primeiras impressões sobre aquela obra e sobre a figura que vai reviver na tela

CARLOS MOREIRA

—Misha irmã Alice é filha de Ricardo. E uma vez que a infantia da França seja rainha de Inglaterra...  
 —A mãe inglesa, lembra-se agora. Não um rei admirável, sou diplomata...  
 —Não um rei que ama a França e que apresenta valores pela sua segurança. Contudo, Alice e os irmãos, em breve, e Indulgentes. E Ricardo cumprirá a sua palavra...  
 —...  
 Ricardo Correio de Lede recebe com

posicionados entusiasticamente a sentir que o Conde Roberto de Leinster lhe trás a toda a gravosa: Felipe de França e a infantia Alice apaixonados...  
 O momento pela deliberação a servir o seu nome travado Blomend e esperas, com a sua excedente Alamo, que o herdeiro apertado acaba de forjar a espeda real que tras entre si e a sua filha ter gravosa...  
 Os franceses, começam a mostrar a seu desagrado pela família dos monarcas ingleses. O infante João, de Inglaterra, aparece, em vez do trindade logo desolado. E não parece interessado em mais pela diplomacia inglesa, que não cederem...  
 A conversa torna-se um plano político complexo. Está imbuído um compromisso entre os dois monarcas. Mas os monarcas que se sentem fora da discussão têm uma benéfica influência de marcha dos acontecimentos...  
 —...  
 —Um cavaleiro infame Ricardo do que se trata. O Exército chegou para brigaria a Grazaia. Todos os que vivem,



o máximo partido. Ricardo ebra com os seus tropas. Logo de mantimentos e propõe-lhe a realidade dos momentos. É truco de hipocrisia que lhe dá o direito de mostrar a realidade que acontece. O estado narrado só chegado a momento de mostrar a realidade que acontece. E propõe-lhe que se case com Indulgentes e a sua filha. Ricardo levanta consigo, em breve, logo aquilo que os estranhos ingleses virão a merecer...  
 Ricardo, atrevido a gravaria alguma coisa, aceita a proposta. Mas dá a entender que pouco lhe importa a sua vida, que para mais não conhece, e que se trata de privativa real, pelo que se monarca se puder fazer independente, não falar, apenas pela sua esposa...  
 Indulgentes, aceita a proposta, em público, e bem-vindos, imediatamente de honras que deveria ser o mais adequado a mais exaltadíssimo, e mais gentis dos monarcas Ingleses...  
 Na sua excedente não se dá a conhecer, que calmo e doce affecto que não se abalgará. E contentem-se de que nunca mais lhe perdura...  
 Fomos antes de mostrar para João de Arce, Ricardo Coração de Lede, então, descrever que certa dama que a cavaleira, na festa dos dois rios de Marsella, é nada mais nada menos do que sua mulher...  
 E esta, que devia ficar em terra, mas grande seu, parte, no futuro, foi de Inglaterra, com rumo ao Oriente...  
 ...

Inconsciente pelo fito crível que impõe no seu ser, pelos os fitos que o que...  
 Ricardo Coração de Lede vê no indiferença o que passa ao Oriente. Para de tanto lhe faz que, em Jerusalém, impere o Cruz dos cristãos, como o crescente dos muçulmanos...  
 Mas, quando mere dizer, ao Exército, que todo aquele que se alistar nos Cruzadas fora despojado dos seus anteriores compromissos, vê uma excedente ocasião de se livrar do pesado fardo que para ele representa o casamento que concertou com Alice, princesa de França...  
 —É esta a minha resposta? Vai dizer a Felipe, vêvem o rei para Blomend, depois de ter recebido a insistência da Criança...  
 —A resposta de Alice é a mesma, arrisco a levantar apontando o grupo onde a Infante, sua mãe, do Exército, honra nos raios uma cruz igual aquela que o Rei de Inglaterra ostentava no seu peito...  
 ...

Os chefes do exército cristão reunem-se em conselho. Felipe, de França; Coração do Mosteiro; Guilherme, de Navarra; Leopoldo, da Austria; Frederico, da Prússia; Miguel, da Hungria; Hugo, de Bologna; Nicolau, de Blemaria, e Sveto, o fiel cavaleiro dos ferros...  
 Fomos antes de mostrar para João de Arce, Ricardo Coração de Lede, então, descrever que certa dama que a cavaleira, na festa dos dois rios de Marsella, é nada mais nada menos do que sua mulher...  
 —É esta a minha resposta? Vai dizer a Felipe, vêvem o rei para Blomend, depois de ter recebido a insistência da Criança...  
 —A resposta de Alice é a mesma, arrisco a levantar apontando o grupo onde a Infante, sua mãe, do Exército, honra nos raios uma cruz igual aquela que o Rei de Inglaterra ostentava no seu peito...  
 ...

Saíram de Navarra, a abençoado rumo, que tem mais de mercador do que de guerreiro, acorreu a Marsella, e fêmea apertado os Cruzados que ali se deviam reunir para o embarque...  
 ...

—Podem ser que a infant não quer...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...

Saladino acorreu à paz inquieto pelas notícias acerca do Rei de Inglaterra, com os seus chamancos e esquadras...  
 ...



SALADINO, chefe do Exército de Jerusalém, vêvem a sua filha de Jerusalém, com todo o esplendor do seu poder, e da sua glória, e a pessoa, passo do bravo espírito que mostra, segue a realidade da frente da qual se destaca Korakrah, um dos mais importantes lugares fortificados de toda a região dominada...  
 De entre a plebe, que acorreu a visitar Saladino, sei um homem, Abu, de aspecto respeitável, é o Exército, um dos seus assistentes, cristão, que todos os anos acorreu a Cidade Santa, um tempo em praias toda vez monarca, sem se individualizar com o crescente hostilidade dos infelizes...  
 Pontado no meio da rua pela qual avançava Saladino e o seu séquito, o Exército aguarda. O cortejo vai a passo. O povo dobra o joelho em terra. Mas o assédio, permanecer, há-lo, no meio da rua, sem tomar a ira da barba, e a sua silêncio...  
 —Jerusalém e tu, Saladino — grita a Exército, quando o assédio se acorta. Mas há algo que a nunca vencerá! A Cruz de Cristo!  
 Saladino medita a plebe. Estagnam-se os vizes dos que pedem a morte do Inimigo. E acrí, com consternação e desprezo...  
 —Exercita o teu Exército. Já que as condições de nada valem, as armas cristãs, pela fé, conseguem aquilo que as boas palavras têm sido impotentes para conseguir respeito pelo peregrino que acorreu a orar nos lugares santificados pela presença do Filho do Homem...  
 —Vai lutar os seus cristãos — diz Saladino ao Exército, e a sua excedente dirigiu-se a Barba — desvencem!  
 ...

...  
 Felipe, Rei de França, e Conrado de Mostertre, depois de haverem recebido a cruz sobre o distintivo do imperador nos legiões que a Europa cristã lançou contra o Oriente muçulmano, conversam...  
 —Senhor! Quem fará frente a Ricardo, quando nos partirmos?  
 —A Ricardo de Inglaterra? — pergunta o monarca.  
 —Sim, e Ricardo Coração de Lede, instila o outro...  
 —Assustadíssimo da França? pergunta o outro.  
 —Por certo, senhor!  
 O monarca suspiro!

...  
 A França lástima responder com um só e pronunciado lástima à voz que grava os Cruzados! Deus o quero! Deus o quer! É o grupo que, correndo de boca em boca, agrupo, só em só estandarte,

...  
 A França lástima responder com um só e pronunciado lástima à voz que grava os Cruzados! Deus o quero! Deus o quer! É o grupo que, correndo de boca em boca, agrupo, só em só estandarte,



(Conteúdo no pág. 11)

Composição de RALF



EM Neubabelsberg, a Cinelândia alemã, reina grande actividade. É caso para dizer que não há tempo para estar parado. Mal saem os artistas, fotógrafos, directores e pessoal técnico que preparam determinado filme logo outro grupo de operários entra nos estúdios para desmontar as decorações e construir novos cenários, para que, no dia seguinte, os directores de cena e os artistas do outro filme comecem a filmar as primeiras cenas.

O produtor Karl Ritter por nada deste mundo perderia a sua imperturbável paciência. O ruído que vai pelos corredores, é imenso e as salas que vêm a um canto do aposento, levam-nos a perguntar se tentaciona emigrar para alguma terra longínqua.

— Não — responde-nos — não lencio deixar o meu país senão por algum tempo, para ir preparar um novo filme. Parece-me que para isso preciso de ler algumas malas...

— Não digo que não, mas tudo isto dá a impressão de que está a preparar-se para uma grande e demorada expedição. Qual será o destino da vossa cavava?...?

— Uma ilha possivelmente deshabitada, perdida no meio do mar, com meia dúzia de tubarões a rondar a raia, e nenhum navio à vista. Veja se te arranja esse paraíso...

— Dada a hipótese de que essa ilha exista, quais são as suas intenções?

— Muito simples. Colocaria, na ilha, alguns cidadãos honestos, que procurariam viver nela à custa de muito trabalho e perseverança. A esses homens acrescentaria uma mulher, para representar, na ilha, o sentimento do belo e o conforto do lar. Mas como esses homens, se todos fossem honestos, acabariam por transformar, de facto, a ilha num paraíso de felicidade, acrescentar-lhes-hei ainda meia dúzia de celeberrados, vestidos de todas as más qualidades que se possam imaginar, e que contrastariam com os outros. Estes terão portanto que conviver com aventureiros, gozistas, hipócritas, criminosos e miseráveis. E olhe que não é nada fácil arranjar tais meliantes. Mas não é só na ilha que preciso deles; quero também alguns especuladores, vigaristas, varentos, criminosos e falsários. Ando portanto a procurar, não só da ilha, mas também dos mais infames dos homens, e uma empresa bastante difícil, mas parece-me que encontrei a solução. Há alguma coisa mais difícil de achar...

— ...?...

— Sim! Um pingüim inteligente! Ou, melhor, o mais inteligente dos pingüins!

— Cada vez compreendo menos, admitindo que seja possível examinar a inteligência dos pingüins, para que mere o mais inteligente de todos eles, que significa esse enigma das pessoas honestas em convívio com celeberrados uma ilha deshabitada?

— Eu lhe explico. O meu novo filme *«As Últimas Quatro de Santa Cruz»* é dedicado dum romance de Frank por dois Lippel de colaboração com o realizador Klingler. Esse livro conta as aventuras de meia dúzia de pessoas que foram viver para uma ilha deserta. Para ser preciso de uma ilha e essa ilha encontra-se no Atlântico, ao largo da costa americana. Aí serão maniveladas algumas cenas das mais importantes. E nesse pedaço de terra perdido no Oceano que *«As Últimas Quatro»* e o pingüim vivem na melhor camaradagem até o dia em que se vêem aniquilados pelo trabalho e pelas privações.

Todos se lembram ainda do enorme êxito alcançado por *Frankenstein*, a terrorífica história dum monstro criado pela mente encandecida dum sábio, e que era um «puzzle» de corpos roubados aos muscus anatómicos e à paz dos sepulcros.

A voga que o filme conheceu, e a curiosa figura, tão depressa popularizada, levaram os produtores a reincidir na realização duma obra, que revivesse a silueta inquietante desse ser «fabricado», que causara o pânico, numa cidade, quando, iludindo a vigilância dos seus guardiões, fugira, para, à solta, dar largas aos seus instintos.

## Um filme aterrorizante

A «Universal», a grande firma americana que tão belos filmes nos tem dado, lançou-se, com efeito, na realização do novo filme. Bus-

## Uma interpretação esmagadora

Boris Karloff, compõe, uma vez mais, a impressionante figura do monstro. A seu lado, Elsa Lanchester, a mulher de Charles Langton, dá-nos a medida do seu talento, na figura da noiva do monstro.

São dignos um do outro os dois artistas, pela violência das suas interpretações, que nos esmagam totalmente.

Em resumo: *A Noiva de Frankenstein*, o melhor filme, no seu género, que veremos esta temporada, e que no Pôrto, fez a mais brilhante das carreiras, vai-se impor, como um êxito clamoroso, como um novo triunfo para os cinemas Palácio e Odéon, como um filme de que a Companhia Cinematográfica de Portugal, muito justamente, se deverá orgulhar!



cou um argumento empolgante, confiou, de novo, a Boris Karloff, a aterrorizadora figura de «Frankenstein», e realizou um filme, que excede, largamente, sob o aspecto técnico e espectacular, o seu predecessor.

Trata-se da *Noiva de Frankenstein*, que vamos ver, em breve, nos cinemas Palácio e Odéon, e que tão impressionante é que a *Inspeção Geral dos Espectáculos* consentiu a sua exibição desde que a mesma seja interdita aos menores e às pessoas nervosas!

Tal a soma de emoções, a violência de terror, que ela em si contém.

## O idílio dos dois monstros

O que é a história?

O idílio macabro entre o monstro e a sua noiva, outra mulher fabricada pelo mesmo processo, manta humana de retalhos dos seres mais heterogêneos, mais inconsequentes, mais disformes!

Os crimes sucedem-se. Feras, em liberdade, deixam, por toda a parte, um rasto de sangue!

Por fim, após alucinantes peripécias, uma explosão aniquila os dois seres, e com eles finda o pesadelo daqueles que por eles eram perseguidos, torturados, física e moralmente.

UM GRANDE FILME DA "UNIVERSAL",  
a estrear nos cinemas "Palácio" e "Odéon"  
Distr. Companhia Cinematográfica de Portugal

**ESTRADA IMPERIAL.** — Um filme francês, realizado por Marcel L'Herbier, com inegável interesse, a despeito da lentidão, por vezes exagerada, da sequência dos episódios e do diálogo. O ambiente, dentro do qual as figuras se movem, está bem criado. A história é um pouco folhetinesca, mas a interpretação de Kate de Negy e Pierre Richard-Willim, dá-lhe novos encantos. Fotografia magnífica, quer no exterior, quer nos interiores. Em resumo, uma obra de fôlego do cinema francês, com defeitos, é certo, mas com méritos artísticos e espectaculares. (*Estreado no Tivoli. Distribuição S. U. S.*)

**O SENHOR DO MUNDO.** — Um filme de Harry Piel, bem realizado e melhor interpretado. Acção, movimento e alguns *clous*. Espectáculo, categoria artística e um tema que sai fora da banalidade. O agrado, com que o público o recebeu, prova que o filme atingiu, plenamente, os seus fins. (*Estreado no «Centra». Distribuição Rail Lopes Freire, Limitada.*)

**OS FILHOS DO DESERTO.** — A melhor farsa de Laurel & Hardy. Um turbilhão de «gags» que obriga o público a rir intensamente, do princípio ao fim. Há muito tempo que não vemos uma plateia rir com tanto gosto. Realização de William A. Seiter, o grande cineasta americano, segundo uma história tão original como feliz. Laurel & Hardy são inimitáveis. O primeiro, sobretudo, tem cenas colossais. Um filme que fará a delícia dos miúdos — e da gente grada que gosta de rir e esquecer as tristezas da vida! (*Estreado no «São Luiz». Distribuição M. G. M.*)

**O CRUZEIRO AMARELO.** — Um documentário empolgante, do mais notável que o cinema nos tem dado! 30.000 quilómetros, em automóvel, através da Ásia. A revelação dum mundo desconhecido! Um filme que prestigia o cinema, e que apregoa, bem alto, a sua força, como agente educador de primeira ordem! (*Estreado no «São Luiz». Distribuição: Companhia Cinematográfica de Portugal.*)

**JUANITA.** — Alfred Rode e a sua orquestra zingara. Lindas canções, melodias embaldadoras — executadas primorosamente pela mais famosa orquestra no seu género! Um mimo de musicalidade! Só por isso, vale a pena ver este filme! (*Estreado no «Condessa». Distribuição J. Castelo Lopes, Limitada.*)

**A VALSA DO ADEUS.** — Todo o romantismo duma época, evocado num filme delicioso. O idílio de Chopin e de George Sand, eterno tema de amor. O maior génio da música, que revive, com as melhores páginas que compôs, num filme admirável, à altura do nome do seu realizador, Geza von Bolvay.

Jean Servais, na figura do inesquecível compositor das valsas, nocturnos e «polonaises», que ainda hoje são insuperáveis. (*Estreado no «Palácio» e «Odéon». Distribuição da Sonoro-Filme.*)

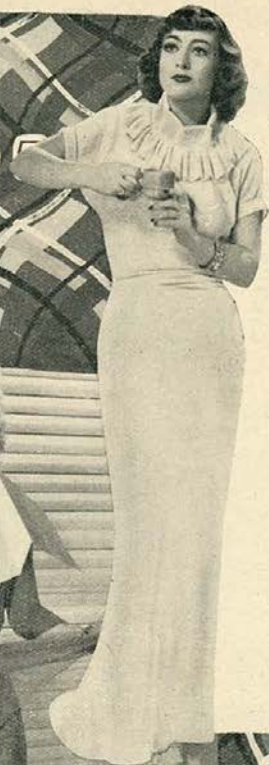
**OS LANCEIROS DA INDIA.** — Um dos grandes espectáculos do ano. Um filme glorioso, heróico e sublime, que exalta os sentimentos de lealdade, abnegação e do dever dos lancieiros de Bengala, o regimento que é o símbolo da Brépria Inglaterra, na Índia inquieta e revolta.

Grandeza, espectáculo, emoção e heroísmo, tudo neste filme se contém numa dose tal, que o torna num dos grandes e dos mais célebres filmes do ano!

A consagração de Franchot Tone, ao lado de Gary Cooper, Richard Crowell, Sir Guy Standing e Kathleen Burke. Uma obra inesquecível, que, tão cedo, se não apagará da memória dos espectadores. (*Estreado no «Politeama». Distribuição da «Paramounts».*)



# O AMOR ACIMA DE TUDO



Joan Crawford



Nunca lhes aconteceu olharem um homem com enorme interesse. desejá-lo para si, naquele momento — e esquecê-lo no dia seguinte?! É que nada há como a amizade, para manter o fogo sagrado entre dois cônjuges, quando o amor começa a arrefecer devagarinho, minado pelo próprio casamento.

O que dizer acerca desta amizade, *double* de amor?

Que nasce lentamente. Cresce, dia a dia! Não prejudica ninguém, antes pelo contrário. Quando a amizade e o amor comungam intimamente, não há decepções, não há mentiras, porque um amigo aprecia-nos tal como nós somos e não como queria ou como desejaríamos que fôssemos!

O amor sem a amizade não é amor! Quando grito «o amor acima de tudo», quero-me referir ao amor-amizade, maior bem da vida.

Por esse motivo, não me envergonho quando dizem que eu e Franchot estamos ligados por uma amizade profunda, vagamente condimentada dum amor calmo, doce e romântico.

Não me envergonho, repito! Pelo contrário, é esse um dos grandes orgulhos da minha vida!

Finalmente, vou ser feliz!

JOAN CRAWFORD

«As grandes paixões são sempre aborrecidas, porque são incompatíveis com o bom humor. Ninguém se pode rir, durante um ciclone.»

**H** A várias formas de amor, ou, melhor, — de amor! Qual delas dá a felicidade? É o amor cego, que os poetas cantam! É o amor-sensual, que embriaga como um «cocktails»? É o amor-amizade, que tem sempre o mesmo calor, como o fogo, sob as cinzas — a amizade feita da simpatia e da compreensão?

É difícil responder.

Ouçamos Joan Crawford, que há pouco casou com Franchot, e que tem, na matéria, a autoridade que lhe advém duma longa experiência.

\*

Gostaria que compreendessem bem o que eu quero dizer. Não devemos ter medo de que o amor se transforme em «felicidade». Antes pelo contrário — desejar que a metamorfose se opere, para que ele não tenha a duração e o deslumbramento duma estréla, que risca no céu a sua rota luminosa, e que se extingue momentos depois!

Nada mais ambicioso, hoje, na vida. Tenho aquilo que eu mais podia desejar. Uma amizade persistente, devotada até ao sacrifício — Franchot!

\*

Falci de mais no amor. Tanto, tanto, que já não tenho palavras para definir a amizade!

As mulheres, em regra, não se convencem de que é muito mais agradável conquistar o amor, dia a dia, do que cair nos braços dum homem, loucamente apaixonada, ao primeiro encontro! No último caso, é a felicidade desbordante, feita de irreflexão e de ímpetos. No primeiro, é a felicidade que se vai buscar sem ser ao acaso, às apalpadelas, que se sabe que existe e onde está!

\*

Tenho autoridade para falar.

Vivi já as duas modalidades, chamemo-lhe assim. Nunca teria apreciado a amizade, como mereço, se não houvesse conhecido já esse amor, feito pelos sentidos.

Nos primeiros tempos, após o meu divórcio de Douglas, pensei, durante horas e horas, no que tinha acontecido!

Só mais tarde pude decifrar o mistério. Apaixonámo-nos demasiadamente um pelo outro. Tanto, tanto — que esquecemos a amizade.

A amizade não nasce, dum instante para o outro, quando se quer — mesmo se os dois interessados forem, à face da lei, marido e mulher. Em primeiro lugar, porque julgam, na realidade, que são amigos. Supõem que se amam mutuamente, que têm hábitos idênticos e um ideal único, na vida, que realizaram.

E porquê? Porque um amor, levado a esses extremos, calca a seus pés a própria personalidade dos dois amantes. É tal a vontade

que têm de agradar um ao outro, que enganamos o homem dos nossos sonhos ao mesmo tempo que nos enganamos a nós próprias.

É, uma vez casadas, acabamos por nos revoltar contra a figura que criamos. E é por isso que um casamento baseado nas primeiras impressões tem um ar de catástrofe, que impressiona. Poucos lares resistem às primeiras nuvens negras, que toldam a felicidade dos primeiros dias...

\*

Nunca penso em Norma Shearer e Irving Thalberg sem invejar a sua felicidade. São o exemplo perdido do lar alicerçado sobre uma sólida amizade.

O seu caso é quasi único, em Hollywood! Como o amor é frágil sem a amizade!

# LANCEIROS DA ÍNDIA

Desde quinta-feira, Lisboa tem, no Politeama — o filme que esperava! Os Lanceiros da Índia, um dos filmes máximos de todos os tempos, vinha sendo aguardado, com efeito, com a maior das expectativas, pelo público de Lisboa, sabedor do valor do filme pelo êxito que alcançou lá fora, e que agora se confirmou plenamente, em Lisboa e no Porto, através duma carreira brilhante, iniciada há pouco, é certo, mas sempre com lotações esgotadas — uma carreira que promete!

De todos os filmes, realizados ultimamente, Lanceiros da Índia é um dos mais belos, dos mais empolgantes, dos mais completos, que o cinema nos tem dado.

Interessa as «élites» e interessa o povo. É uma obra forte, com um tema heróico, e com um conflito duma nobreza rara. É a epopéia dos lanceiros ingleses, na Índia iniqua e insubmissa. É uma ode ao prestígio da velha Inglaterra, feito à custa do sangue dos seus servidores, muitos deles, por amor da Pátria, tornados mártires, no solo árido e pedregoso da Índia inconquistável!

Os Lanceiros da Índia, que Franchot Tone, Gary Cooper, Richard Cromwell e Sir Guy Standing interpretam, vale pelo seu argumento forte, que arrebatava e apaixona; pelo quadro, pitoresco e bellissimo, onde a acção se desenvolve; e, sobretudo, pela sua técnica impe-



## Um grande filme "Paramount"

cável, certa, matemática, que lhe dá uma categoria artística insuspeita, digna da sua excepcional, espectacular.

O público, esgotando muitos dias antes da sua estreia, a lotação do vasto Politeama, consagrou, de antemão, o filme gigante da «Paramount», como uma obra excelsa do cinema!

Vejam Lanceiros da Índia. Voltem lá, no dia seguinte, dias depois — para o ver melhor!

É que um filme como este que o Politeama exhibe agora, tem sempre novos encantos, e não cansa, porque agrada sempre.

É esse o segredo das obras-primas!



UM DOS  
MAIORES  
ÊXITOS  
DO ANO!!

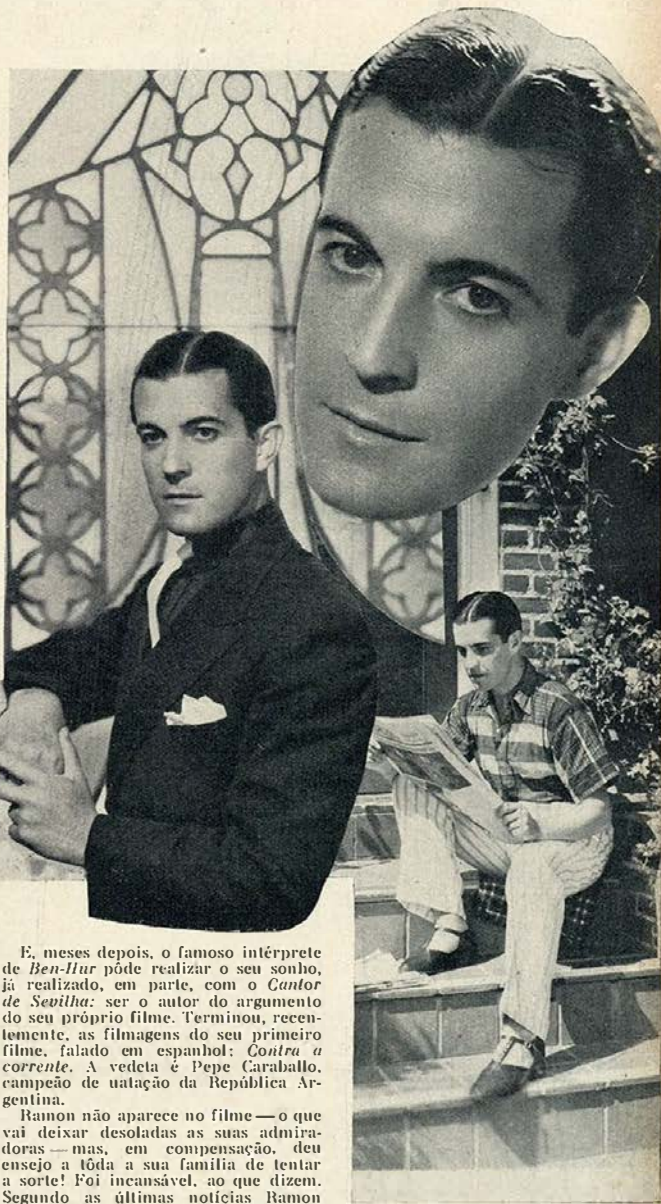


# Grandes e Decadência de Ramon Novarro

Após a sua viagem à Europa, há dois anos, viagem que, como todos sabem, redundou num êxito, Ramon regressou a Hollywood, animado com as provas de simpatia com que o haviam recebido, em Paris e em Londres! Interpretou, então, *O gato e o violino*, que não o satisfiz. Depois, *Laughing boy*, filme em que depositava fundadas esperanças, uma vez que a poética e romântica história dos amores de dois índios lhe agradava em cheio. Mas tudo parecia apostado contra ele. O *script-departement* massacrara o romance, desfigurou as próprias personagens. Como partiram muito tarde, para o Arizona, onde se filmavam os exteriores, foram obrigados a apressar o filme, ante a aproximação do inverno. Esta pressa não impediu que o frio surpreendesse a *troupe*, e o pobre Ramon foi obrigado a filmar, com temperaturas glaciais, tendo por único traje algo que lhe tapava uma décima parte do corpo. E tudo, afinal, para o filme redundar num insucesso.

Ramon, desgostoso, uma vez mais, com o cinema, partiu para uma *tournee* de canto e dança, através da América do Sul, levando como parceira sua irmã Carmen. O êxito desta *tournee* traduz-se em números, que são autênticas fortunas! Depois da visita de Caruso, o Rio de Janeiro e Buenos Aires nunca haviam consagrado com tamanho entusiasmo um artista.

Houve admiradoras que choraram de alegria!



E, meses depois, o famoso intérprete de *Ben-Hur* pôde realizar o seu sonho, já realizado, em parte, com o *Cantor de Sevilha*: ser o autor do argumento do seu próprio filme. Terminou, recentemente, as filmagens do seu primeiro filme, falado em espanhol: *Contra a corrente*. A vedeta é Pepe Caraballo, campeão de uatação da República Argentina.

Ramon não aparece no filme — o que vai deixar desoladas as suas admiradoras — mas, em compensação, deu ensejo a toda a sua família de tentar a sorte! Foi incansável, ao que dizem. Segundo as últimas notícias Ramon está fatigado, mas contente. Tudo caminha bem. Espera estrear o seu filme, dentro em breve, em São Francisco e aparecerá em carne e osso no tablado.

«E depois?» perguntarão as admiradoras impacientes. Depois, é possível que Ramon venha novamente à Europa, onde será, por certo, mais uma vez, bem recebido. O contrato que o ligou à Metro, durante dez anos, não foi renovado. Quere ser independente e triunfar por si próprio. Tenciona apa-

recer nos palcos londrinos, para o que está escrevendo uma peça, que se intitula *It's another history* (A história é outra).

É preciso que ête se convença de que ainda não morreu. E o fogo sagrado, que arde nas cinzas da admiração das suas admiradoras, não deixará por certo de se atear novamente, para o animar a prosseguir na sua carreira, precocemente interrompida.

DEPOIS do êxito de *Ben-Hur*, tínhamos o direito de esperar que Ramon, consagrado, de repente, como a maior vedeta de então, subisse, degraui a degraui, a escada da glória, e novos louros juntasse à sua coroa de triunfador. Os produtores americanos que, em regra, sabem, como nenhuns outros, «puxar» os seus artistas, e torná-los célebres à custa de dólares, parecem ter sido duma negligência lamentável, e até duma vontade flagrante, com o célebre astro mexicano.

Ramon, no entanto, prestou provas insosfismáveis. Conseguiu impôr o seu nome, fazê-lo ouvir, no meio da «baralhada» infernal de *Ben-Hur*. O seu nome repercutiu-se nas multidões, como o eco pelas quebradas...

Ser vedeta dum tal filme e não se deixar esmagar por êle; impôr a sua figura e fazer-a sobressair no meio da grandiosidade da realização, do turbilhão da corrida das quadrigas e da melopeia dos remadores — é uma proeza de que poucos se podem gabar. Vejam, se não acreditam em tal afirmação, quais foram os artistas que conseguiram destacar-se das «grandes montagens» da época?

Não souberam ou não quiseram explorar o êxito fantástico de Ramon, o seu êxito individual, que foi um dos atractivos comerciais do famoso filme.

\* \* \*

Foi justamente o retumbante êxito de Ramon que sentenciou a morte da sua carreira. A firma que o tinha sob contrato julgou que a presença do artista seria o bastante para impôr um filme. Olhou-o como um filão de ouro, que lhe permitiria, sem custo e sem preocupações de maior, fazer uma fortunazinha, rapidamente. Ramon era um bonito rapaz, inteligente e artista. Quando veio o sonoro, viram, com assombro, que, a todas as suas qualidades, Ramon juntava as de ser poliglota e ter uma voz bem timbrada. Era demasiado. E os produtores, habituados a impôr vedetas sem méritos alguns, à força dum publicidade intensa e fantasista, rejubilaram! Estava ali Ramon, uma realidade, um artista com inegáveis merecimentos. Era preciso, apenas, fazê-lo actuar. Como e em que — não interessava!

Lá estavam as 5.000 cartas, por semana, das admiradoras de todos os recantos do globo, a garantir a afirmação. O seu entusiasmo não arrefecia. Podiam-lhe dar argumentos estúpidos, mas parceiros, realizadores sem categoria.

Ramon continuava a ser um ídolo, apesar de tudo.

Pensaram assim! Foi um erro. E Ramon sente agora os efeitos da situação que lhe criaram.

# PÁGINA TEATRAL

## PROLOGO

Está-se esboçando, entre a gente de teatro de Lisboa e Porto, uma divergência de opiniões — para não dizermos de critérios — que não pode nem deve subsistir.

A propósito de tudo, parece haver pessoas apostadas em afirmar que no meio teatral do Porto se detestam os artistas de Lisboa e que, da parte destes, alguma má vontade existe em trabalhar no Porto.

Ainda há dias, sobre a vinda a Lisboa dum embasariu portuense, que não conseguiu aqui contratar os elementos necessários para uma exploração teatral, com uma peça de autores portuenses, se manifestou, mais uma vez, a extraordinária fantazia de certas pessoas, que em tudo vêm a tal inexistevel *lulu teatral inter-cidades*...

Ora a verdade, por muito que isso pese a esses fabricantes de boatos verosímiles, é que os artistas convidados não acceitaram o papel, por vários motivos, tal lhes não foi possível.

Não queremos profundar os motivos porque se atribue aos criticos e esbec-

tores norlenhos tal disposição para patear tudo o que de Lisboa por lá appareça.

Motivos fúteis, que só devem existir nos cérebros dos que se entretem em criá-los, e que não podem, portanto, dar margem a movimentos de opinião.

Quanto a nós, uma única missão poderia caber à imprensa das duas cidades: — Fazer vêr aos que teimam em separar Norte e Sul, que as duas cidades estão tão perto pela linha férrea e pelo coração, que baldado empenho será criar desavenças que a ninguém poderão aproveitar.

Em Lisboa há quem saiba escrever peças; no Porto também. Representem-nas pois, misturadas nos reportórios, como não pode deixar de ser, e, quando uma cair, nunca digam que fracassou uma peça lisboeta ou uma peça portuense.

Digam só que caiu uma peça, — que já não é pequena a peça que pregam à Empresa...

O HOMEM QUE PUXA O PAÑO

## Artistas que marcam

III

### A bailarina Mafalda

Mafalda Evandauns, aquela bailarina gentil que há anos se encontra entre nós, ilustra hoje esta página com a sua silhueta elegante, tão conhecida já de todos os frequentadores dos nossos teatros, que têm tido, vastasvezes, occasião de aplaudi-la.

Bailarina de rara intuição e inexcedível graciosidade, tem illustrado, com a sua presença, algumas revistas portuenses, que lhe têm ficado devendo grande parte dos seus successos.

Alemá de nascença, Mafalda deixou-se encantar pelo sol português, e acamaradou, gostosamente, com as suas colegas portuenses.

Mafalda está filmando para o «Trevo de 4 folhas». A sua actuação nesse filme, deve ser, disso estamos certos, mais um trunfo para a gentilissima artista.



Mafalda, num dos seus bailados

# As Cruzadas

(Conclusão da página 9)

Neste momento, o Grão-Mestre dos Templários anuncia que Saladino, sultão do Egipto e da Siria, envia emissários para negociar a paz, ou... declarar a guerra.

\* \* \*

Graves são as noticias que Ricardo Coração de Leão recebe da sua pátria. Enquanto a flor, a nata das suas tropas, combate na frente de São João de Acre, o seu irmão, desleal e vingativo, aproveita-se da ausência do soberano para se apoderar do trono.

Felipe de França faz-lhe saber as suas condições: se Ricardo renunciar a Berenguela e casar com a Infanta de Navarra, terá os franceses pelo seu lado, para a reconquista do trono. No caso contrario, collocará as suas tropas ao lado do usurpador.

Ricardo prefere ver-se só, mas ao lado da mulher que ama. Todo o ódio desta se transformou em amor. E para não sacrificar o seu esbôso amado, Be-

renguela expõe-se ás setas dos archeiros, que defendem a praça sitiada.

Ferida por uma delas, Berenguela cai exánime e é recolhida por uma escolta infiel, que a leva á presença de Saladino. E o Eremita, vítima duma cilada, fica também á mercê do senhor da Siria.

Um soldado inglês, mortalmente ferido, consegue levar ao soberano inglês a infausta nova. E Ricardo, desde então, tem um único anseio — conquistar São João de Acre, para salvar Berenguela — a mulher amada.

\* \* \*

Sobre os muros que a arrogância muçulmana julgava inexpugnáveis, ondeiam agora os estandartes da Cristianidade! Bessoam os cânticos romanos! A cidade está em festa.

Só Ricardo não esconde a sua tristeza. Berenguela, a mulher que adora de todo o coração, a fé que o animava na conquista da velha praça muçulmana, desapareceu.

Berenguela é presa de Saladino. Muito antes da conquista de São João d'Acre, seguiu com Saladino para Jerusalém, manietada, amordagada, com o coração despedaçado pela dor!

\* \* \*

— A Jerusalém! grita Ricardo saltando para cima do seu corcel.

— Senhor! averte o fiel Leicester. É impossível, lamblamha lemeridica! Melade dos nossos soldados morreram. Os outros estão exaustos de fadiga!

Vencido num combate desigual, no qual os actos de audácia e de coragem foram improfeitos, Ricardo Coração de Leão, vagueia no campo de batalha, onde paira um ambiente de tragédia, mareado pelo estertor dos moribundos, que jazem nas sobras.

E, á mesma hora, nos paradisiacos jardins da sua vivenda, Saladino im-

plora o amor da sua cativa, a linda Berenguela.

Um emissário cristão, á custa de supplicas, consegue chegar á fala de Saladino. Conrado de Montferrate oferece-se para lhe entregar a cabeça de Ricardo Coração de Leão, se o sultão o coroar rei de Jerusalém.

Saladino repudia a infame proposta. E a inslância de Berenguela, manda chamar Ricardo, a-fim-de negociar a paz.

\* \* \*

Ricardo Coração de Leão ouve, attento, as propostas do senhor da Siria:

— As portas de Jerusalém serão abertas a todos os cristãos. Na Cidade Santa findarão os vexames e perseguições. Será, para todos, o santuário da Cristianidade!

— Jurei que entraria em Jerusalém para tocar com a minha espada o Santo Sepulchro!

Berenguela supplica! Chora a seus pés! O que queriam as Cruzadas?! A paz e a entrada em Jerusalém! Que importa, ao pé desses bens, as vaidades feridas.

E Ricardo Coração de Leão, calcando a seus pés, o seu orgulho imenso consesla:

— Aceito a paz que me ofereces!

\* \* \*

Os sinos de Jerusalém repicam festivamente. Cânticos cristãos erguem-se nas ruas. As Cruzadas entraram na Cidade Santa.

Ricardo Coração de Leão está sombrio. Berenguela é cativa de Saladino. Este pretende-a, e não aceita o resgate.

Mas Berenguela apparece. Saladino envia-a com uma mensagem simples: «Saladino não é um salcedor. Não toma pela força, aquilo que de bom grado se não lhe oferece».

O cântico dos cristãos adquire agora para Ricardo Coração de Leão um sentido novo. Nova é para os olhos do vencido a claridade com que o sol illumina toda a terra. É do fundo da alma, tocada pela graça divina, sobem aos lábios de Ricardo Coração de Leão essas palavras, hino de amor, oração primitiva:

— «Meus Deus! Sou vosso servo!»

## OPINIÕES LIVRES

### «Ondas curtas»

no Teatro da Trindade

A segunda peça do reportório da Companhia Brasileira de Jardel Jercolis, tem, sobre a anterior, a grande qualidade de ser muito mais brasileira.

E escrevemos «grande qualidade» porque demonstrado está que, noutro genero, é difficil a uma companhia brasileira conseguir agradar ao nosso publico. A razão explica-se: — A peça local, piadas a politicos brasileiros, ditos de espirito restrictos ao ambiente brasileiro, perdem-se, por desconhecidos da plateia. Numa revista essencialmente folklorica, como «Ondas Curtas», as probabilidades de successo tem de ser, fatalmente, muito maiores.

Depois, a companhia que ora nos visita, se exceptuarmos a actuação, sempre brilhante, de Mesquitinha, não vem preparada para grandes vãos de comedia. Mas, para interpretação de musica brasileira, traz um belo grupo de artistas, á frente dos quais figura, a muita distancia, Silvio Caldas.

Por todos estes motivos, «Ondas Curtas», coordenação de episodios sem ligação definida, mas com simpática apresentação, caiu mais na sympathia do nosso publico, se bem que não lhe tivesse, inteiramente, *enchido as medidas*.

Á cabeça do elenco, como sempre, além dos dois artistas já citados, as duas bailarinas, belos elementos em qualquer companhia do genero.

Muito boa, a musica. E a orquestra, a nosso vêr, o melhor elemento da Companhia que actua no Trindade.

Fobres, o cenário e o guarda-roupa.

O HOMEM QUE PUXA O PAÑO

**CINE-JORNAL**  
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO  
Director: FERNANDO FRAGOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES  
Propriedade da Editores L.da (em organização)  
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio 27  
Telefone 2 1348 e 2 1327  
Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da  
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

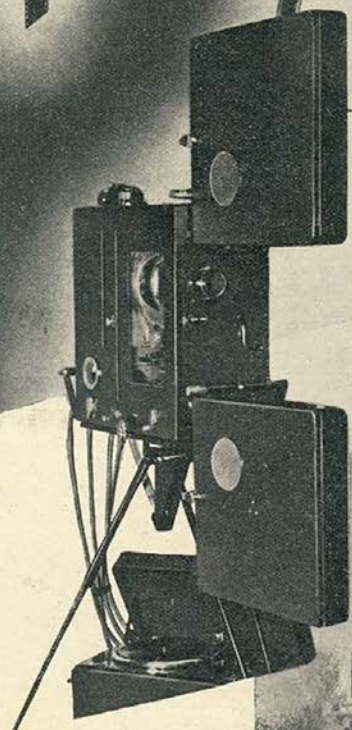
ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 números 1 ano .....	48000
25 " 6 meses .....	24500
12 " 3 meses .....	12500
Estrangeiro e Colónias, 32 num. 1 ano .....	65000



# Philips Cine Sonoro



O MAIS  
PERFEITO APA-  
RELHO PORTATIL  
DE CINEMA SONORO  
PARA FILMES DE 35<sup>m</sup>/<sub>m</sub>

Soc. Com. PHILIPS Portuguesa  
Avenida da Liberdade, 3-1.º-LISBOA

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 4 — 11 DE NOVEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NESTE NÚMERO: UM DESENVOLVIDO ARGUMENTO DE «AS CRUZADAS»